

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ - UNIPORÁ
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MIRIÃ MAGALHÃES ARÊBA

**QUÃO NATURAL É A MORTE DE UMA PESSOA NEGRA? A ARTE
COMO FORMA DE RESISTÊNCIA À NECROPOLÍTICA**

IPORÁ-GO
2025

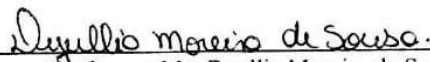
MIRIÃ MAGALHÃES ARÊBA

**QUÃO NATURAL É A MORTE DE UMA PESSOA NEGRA? A ARTE COMO
FORMA DE RESISTÊNCIA À NECROPOLÍTICA**

Artigo apresentado à Banca Examinadora do Curso
de Psicologia do Centro Universitário de Iporá -
UNIPORÁ como exigência parcial para obtenção
do título de Bacharel em Psicologia

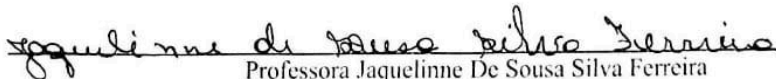
Orientadora: Ma. Dyullia Moreira de Sousa.

BANCA EXAMINADORA



Professora Ma. Dyullia Moreira de Sousa

Presidente da Banca e Orientadora



Professora Jaqueline De Sousa Silva Ferreira



Professora Tauana Michele Duarte Bezerra

IPORÁ-GO

2025

SERIA A MORTE UM PROCESSO NATURAL? ARTE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA À NECROPOLÍTICA

IS DEATH A NATURAL PROCESS? ART AS A FORM OF RESISTANCE TO NECROPOLITICS

Miriã Magalhães Arêba¹

Dyullia Moreira de Sousa²

RESUMO

O presente trabalho busca abordar a arte como uma incrível forma de construir resistência contra a necropolítica, que se descreve enquanto a perpetuação de mortes racializadas e na conservação da colonialidade na atualidade, a resistência se desenvolve por meio da retomada da cultura negra e da construção de identidades que vão contra padrões coloniais. A presente pesquisa se construiu enquanto uma pesquisa bibliográfica, exploratória, na qual a análise dos dados foi feita usando o método qualitativo. As linguagens artísticas analisadas que possibilitam a construção de resistência são, a escrita, os *slams*, a cultura do *hip hop*, que é composta pelo *rap*, *graffiti* e o *break*, e o teatro, sendo importantes por possibilitarem a retomada da própria história e construir identidades negras potentes. Os resultados encontrados concluíram que pela arte é possível desenvolver resistência, constituir uma autodefinição de forma descolonizada e alinhada ao amor a si mesmo, seus semelhantes e a própria cultura.

Palavras-chave: Necropolítica. Resistência. Identidade negra. Arte negra.

ABSTRACT

This work seeks to address art as an incredible way to build resistance against necropolitics, which is described as the perpetuation of racialized deaths and the conservation of coloniality in the present day. Resistance develops through the reclaiming of Black culture and the construction of identities that go against colonial patterns. This research was constructed as a bibliographic, exploratory study, in which data analysis was performed using a qualitative method. The artistic languages analyzed that enable the construction of resistance are writing, slams, hip hop culture (composed of rap, graffiti, and breakdancing), and theater, which are

¹ Miriã Magalhães Arêba, graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ, GO. Email: miriaprofissional0@gmail.com

² Orientadora Dyullia Moreira de Sousa, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal De Goiás - UFG. Email: dyullia.moreira@unipora.edu.br

important because they allow the reclaiming of one's own history and the construction of powerful Black identities. The results concluded that through art it is possible to develop resistance, to constitute a self-definition in a decolonized way, aligned with love for oneself, one's fellow human beings, and one's own culture.

Keywords: Necropolitics. Resistance. Black identity. Black art.

1 INTRODUÇÃO

A morte é estabelecida no ideal social enquanto um processo natural, ao qual se leva em consideração o processo de vida e morte, ou seja, nascer, crescer, amadurecer e morrer. Mas a vida e o desenrolar de seu desenvolvimento, podem ter seu curso pré-estabelecido a caminho da morte, isso é possível ser visto ao analisar a morte enquanto um fenômeno que ganha diferentes significados ao trazer para este cenário a raça.

A morte ser um fenômeno natural ou não, é uma pergunta de resposta extremamente ambígua. Depende para quem se pergunta e na configuração de imagem imposta a esta pessoa, a resposta pode se basear na visão cultural da realidade que a rodeia, ou seja, interligar morte à um processo natural da vida. Mas, se esta pessoa detém letramento racial, a resposta pode receber modificações, principalmente, se esta pessoa for negra, ao entender que a violência chega com maior facilidade quando o tom de pele se torna escuro. A resposta desta pergunta pode parecer inofensiva e de simples resposta, mas a resposta se torna dolorosa para quem a violência bate na pele de forma filosófica ou física, especialmente, quando as agressões chegam ao seu ponto final, a morte.

Corpos em recortes que não seguem o ideal estatal daqueles que devem ser protegidos, estão mais próximos da violência e da morte, a questão é que uma hora ela chega, tanto por falta de acesso a necessidades básicas, como ser visto enquanto gente, ou pelo seu significado puro, a negação da vida.

A arte se encontra neste cenário enquanto forma de comunicação, que possibilita pela linguagem a construção de si mesmo, do mundo e dos outros, sendo um elemento rico e importante para a construção da cultura e de identidades negras. Por agir enquanto linguagem,

a comunicação artística possibilita denúncia das mazelas sociais oriundas de um estado soberano, que subjugua uns em detrimento de outros, historicamente aos negros é destinado um espaço de exclusão social.

Por essa via, “é pela voz dos/as poetas, do canto dos/as rappers, da gesticulação do/as slammers, dos movimentos de cada artista que elementos da negritude podem ser transmitidos” (Pereira; Schucman, 2023, p.11). A arte possibilita a transmissão da cultura dos povos, possibilita a identificação, nomeação de quem se é, se dissociar de uma visão violenta a qual ligaram a está cultura, a arte possibilita a se recriar frente a marginalização racial, torna possível a retomada de narrativas que um dia tiveram outros donos e decidiam caminhos de vida e de morte, possibilita a existência de protestos frente a essa realidade de violências.

O problema de pesquisa se delineia em “como a arte age enquanto uma forma de resistência à necropolítica?”, sendo assim, a hipótese se delimita na arte agir enquanto uma forma de comunicação, possibilitando denunciar, resistir e construir forças de enfrentamento contra a necropolítica, por meio da expressão cultural e da construção de identidades fortes. Em relação a justificativa, Bell Hooks (2019) discute os impactos de um estado pautado sobre a supremacia branca, aborda que até mesmo brancos que se dizem progressistas e antiracistas podem interagir com pessoas negras, mas manter a conservação de ideais supremacistas. Enquanto isso, negros possuem uma visão de si mesmos e de seus semelhantes acupando um âmbito abaixo das pessoas brancas. Por conseguinte Hooks (2019) aborda que existem poucos materiais escritos por pensadores negros sobre como pessoas negras possuem a branquitude como algo a ser almejado e alcançado (Hooks, 2019). Assim, se torna importante investigar como a violência se constroi nesse exercício de poder sobre estas existências não brancas e como a arte surge como um método de denúncia neste cenário. Sendo a arte, um meio de expressão das violências vividas e um meio de existir frente às violências sofridas.

Dessa forma, esta pesquisa busca analisar a arte enquanto forma de resistência às mazelas vividas pela população negra em um Estado que gere se pautando sobre a necropolítica, para que isso seja possível, se busca desenvolver alguns objetivos específicos: a) Conceituar o que é a Necropolítica, b) Identificar como a arte funciona como instrumento de construção de identidade negra e c) Identificar quais as formas de arte são usadas como instrumento de resistência. Para que isso seja alcançado se busca analisar a arte e suas linguagens como uma forma de expressão capaz de denunciar as violências vividas pelo povo negro, o que é muito importante tendo em vida uma realidade que condena pessoas a morte e limita a vida, enquanto outras vivem e são protegidas por este mesmo estado.

A pesquisa se constroi enquanto uma pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, utilizando enquanto banco de dados a BVS - Biblioteca Virtual em Saúde e Scielo, visando artigos com publicação nos últimos dez anos, mas dando preferência para artigos publicados nos últimos cinco anos, escolhidos pela importância dentro da presente temática.

1.1 REVISÃO TEÓRICA

1.1.1 Conceituação de Necropolítica

Mbembe (2018) tece em seu trabalho que a necropolítica se conceitua enquanto a produção estatal de mortes, se elabora enquanto uma ideia que permite pensar aspectos coloniais, que ainda persistem na modernidade, construída após este período pautado sobre a desumanização. Para Mbembe (2018) estado de exceção³ se relaciona intimamente com o “nazismo, ao totalitarismo e aos campos de concentração/extermínio (Mbembe, 2018, p.07). O autor coloca em discussão o uso dos campos de concentração como metáfora para um maior entendimento de como funciona a violência exercida dentro da soberania, o aponta como ponto final do desempenho de poder extremo (Mbembe, 2018).

Por essa via, política se descreve como um projeto de autonomia coletiva, que é realizado em conjunto e usando o diálogo, sendo a liberdade um ponto central. Já ao caracterizar a necropolítica, diz-se principalmente sobre soberania, que sendo absoluta usa de poder para construir normas gerais para pessoas que são livres e iguais, ou seja, possuem consciência de si mesmos e que conseguem se representar, mas na necropolítica não há autonomia e a liberdade, que são aspectos centrais dentro da construção da política (Mbembe, 2018). O estado de exceção e o conceito de soberania se relacionam intimamente à noção de inimizade, que são conceitos que fundamentam o que chamou de direito de matar. E para este poder existir, é necessário a exceção, emergência e a construção de inimigos (Mbembe, 2018).

Dessa forma, Mbembe (2018) conceitua a necropolítica sobre um viés que vai contra a construção eurocêntrica de biopoder proposta por Foucault, portanto, uma crítica. Mas mesmo que exista essa crítica, acabam dialogando em suas construções de conhecimento e, por fim, se complementam. Sendo assim, a necropolítica não se constroi na visão de deixar viver e

³ Estado de exceção é o oposto do estado normal de direitos, que seria o estado seguir as leis. As leis são suspensas para recuperar o controle que está sendo perdido devido a conflitos internos e externos. Sendo essa suspensão realizada pelo governante seguindo a constituição ou o sistema jurídico (Agamben, 2004).

deixar morrer, ao qual será tratada por Foucault (2010). A necropolítica de Mbembe, se constroi na visão da produção de mortes em suas diversas formas, como morte, homicídio e o suicídio, e nessa equação matar os outros seria uma forma de manter longe a própria morte, sendo assim, uma forma de autopreservação. Nas colônias quem detém poder pode tirar vidas quando quiser e da forma que escolher (Mbembe, 2018).

A figura do negro no contexto da colonização se descreve como uma figura abarrotada de perdas, de sua casa, das decisões sobre o próprio corpo e de direitos políticos, um ser levado a destituição da própria humanidade e aniquilação de sua sociabilidade. As perdas são o que levam a dominação deste povo por completo, Mbembe (2018) denominou como *plantation* (plantação) o local em que este ser deixa de ser um indivíduo e passa a ser uma posse de seus donos. Aqui desenvolve um exímio exemplo extremo de necropolítica, analisando essas existências enquanto mortes em vida, eram apenas mercadorias sem humanidades.

Foucault (2010) discute a conceituação de direito de vida e de morte, soberanos possuem poder de causar a morte e de deixar viver. Ou seja, viver e morrer não é algo exclusivamente natural à vida humana e fora de uma gestão política. Neste sentido, acontece um paradoxo dentro dessa explicação, dentro da aplicabilidade do poder soberano, os indivíduos, que são chamados de súditos pelo autor, não estão vivos ou mortos. Estariam dentro de um campo de neutralidade, ou seja, essa neutralidade existe porque este súdito teria direito à estar vivo ou morto, dependendo da vontade daquele que é soberano (Foucault, 2010). Vida ou morte é uma escolha soberana, “em todo caso, a vida e a morte dos súditos só se tornam direitos pelo efeito da vontade soberana” (Foucault, p. 286, 2010).

Mas a contradição não acaba nestas descrições, ela se prolonga, Foucault (2010) discute que direito à vida e à morte somente podem ser aplicados em desequilíbrio. Contudo, sempre pendendo para o lado da morte, ou seja, quando um soberano possui o direito sobre a vida individual, este poder somente funciona a partir do momento que este soberano tem o poder de matar, esse poder soberano existe no “[...] direito de fazer morrer ou de deixar viver” (Foucault, 2010, p. 287). Para Foucault (2010) o racismo é descrito enquanto um mecanismo que dá base para o poder, o curso do estado moderno em algum momento e de certas formas passam pelo racismo, as raças surgem como uma criação de grupos dentro de uma população, elevando determinada parcela da população em detrimento da outra;

Isso vai permitir ao poder tratar uma população como uma mistura de raças ou, mais exatamente, tratar a espécie, subdividir a espécie de que ele se incumbiu em

subgrupos que seriam, precisamente, raças. Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer censuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder (Foucault, 2010, p.305).

Para Foucault (2010), o racismo possui outra função para além de dividir e subjugar parcelas da população, o racismo permite não estranhar a morte do outro. O autor discute que essa noção se descreve enquanto algo biológico, o outro morrer é uma forma de perpetuar uma determinada espécie de forma mais higiênica e saudável, enquanto quem está morrendo é uma raça asquerosa e perigosa. Portanto, essa raça morrer é uma forma de proteção, “a raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização” (Foucault, 2010, p. 306).

O poder soberano, assim, seria descrito enquanto biopoder e para ele existir, o racismo é um critério. O racismo possibilita ter o direito de tirar a vida de um indivíduo, ou seja, dá legitimidade ao direito de matar. Não é somente acabar com uma existência, “mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor a morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc” (Foucault, 2010, p.306).

Na discussão proposta por Mbembe (2018), o racismo é um elo importante na manutenção de um sistema que se pauta sobre a soberania, já que “na economia do biopoder, a função do racismo é regular distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado” (Mbembe, 2018, p.18). Dessa forma, é possível constatar que mesmo que sejam teorias construídas de forma a serem opostas, se complementam, no sentido de que a produção exclusiva de mortes é destinada a um público que possui uma construção específica de aparência: pessoas racializadas. Enquanto o perpetuamento da vida e a proteção da mesma, condiz com pessoas que são a maioria dos que são historicamente detentores de poder, seus semelhantes: pessoas brancas.

1.1.2 Arte e Identidade Negra

O colonialismo se caracteriza como um momento histórico onde países europeus utilizaram a força para subjugar etnias e explorar os territórios que buscavam conquistar, visando formar colônias para explorar os meios da natureza e minérios presentes no solo (Zamariam; Leocádio; Pereira, 2018). Para o colonialismo funcionar no Brasil utilizaram “[...] mão de obra escrava oriunda do continente africano” (Zamariam; Leocádio; Pereira, 2018, p.19).

Dessa forma, Zamariam, Leocádio e Pereira (2018) ao colocar em análise a constituição do contexto brasileiro, passado e presente, constataam que o que construiu a modernidade nacional, foi o período colonial e a escravidão, já que a escravatura foi responsável por manter a economia no passado e “[...] este modo de exploração perdurou por quase quatrocentos anos, fazendo do Brasil o último país a abolir definitivamente a escravidão de seu território” (Zamariam; Leocádio; Pereira, 2018, p.127). Entretanto, as atrocidades coloniais não finalizaram com a abolição da escravidão. Foram quase quatrocentos anos de processo escravista no Brasil, o que construiu ecos coloniais na sociedade, por consequência, essas visões coloniais se apresentam na modernidade (Zamariam; Leocádio; Pereira, 2018).

A miscigenação racial brasileira nasce na exploração sexual de mulheres negras. Perante Nascimento (2016), a identidade social criada pelo processo de colonização, destinou que o lugar das mulheres negras seria o trabalho. Enquanto o lugar das mulheres mulatas era o de servir sexualmente, já que a mulata surge do estupro de mulheres negras por algozes brancos e, por consequência dessa violência, mulatas ocupavam esse lugar. Dessa forma, o mulato, pardo, surge para embranquecer a raça, mas mesmo ocupando a posição de ser um “melhoramento” da raça negra, era igualmente violentado e socialmente excluído, igual aos pretos (Nascimento, 2016).

Por conseguinte, os fantasmas coloniais se apresentam na constituição de identidade de pessoas negras atualmente. Para que uma pessoa negra consiga resgatar a possibilidade de narrar a própria auto-imagem, é preciso romper com a construção de identidade pautada sobre este padrão colonial (Andrade, 2023). Ser negro é um processo de construção. É indispensável colocar em discussão o racismo dentro deste aspecto subjetivo, sendo este conceito uma forma de violência que exerce grande impacto na construção de uma narrativa sobre si mesmo. Andrade (2023) discute que a construção dessa narrativa própria não consegue existir sem ser tocada pelo racismo.

É preciso se denominar enquanto uma pessoa negra, isso é uma forma de quebrar esse padrão colonial, ao qual aborda o que é ser uma pessoa racializada. Sem assim, pessoas pardas, ou seja, negras de pele clara, se enxergam enquanto pessoas não negras, usando essa construção de identidade colonial. Portanto, o termo pardo é uma criação da branquitude, visando causar divisão entre pessoas negras (Andrade, 2023)

A construção de negritude enquanto algo que possui uma construção única e legítima de imagem, foi algo criado sobre um viés branco e colonial. Dessa forma, para se ver

enquanto uma pessoa negra, a pessoa parda deve entender que não há somente uma forma de ser negro, a negritude não é estática. Ou seja, ser negro é viver a experiência de ser marcado enquanto um corpo passível a ser visto como inferior dentro desta visão colonial, entretanto, ser negro também é resistir a esta lógica estigmatizante (Andrade, 2023).

Ao construir uma visão de identidade negra sem se apoiar sobre a visão única do que é ser negro, construída pela branquitude, pessoas negras se tornam capazes de construir e relatar a própria história singular (Andrade, 2023). Sendo aqui possível afirmar que o fato de pessoas pardas se verem enquanto pessoas negras, é um ato de resistência.

Por conseguinte, Mbembe (2014) trata que o negro se encontra enquanto;

[...] o único de todos os humanos cuja a carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria- a cripta viva do capital. Mas - e esta é a sua manifesta dualidade -, numa reviravolta espetacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no acto de criação e até de viver em vários tempos e várias histórias ao mesmo tempo (Mbembe, 2014, p. 19).

Por conseguinte, para Nascimento (2016) o povo africano trazido ao Brasil e os seus descendentes foram obrigados pela pressão social a construir uma identidade branca, de forma cultural e de forma física. A interiorização da cultura branca se tornou tão forte ao ponto de pessoas negras retintas e de pele clara passarem a odiar o próprio tom de pele. Nascimento (2016) discute o uso da arte como resgate da identidade de pessoas negras. Assim, o Teatro Experimental do Negro, se encontram como um exemplo que surge no resgate da subjetividade, possuindo dentre seus propósitos, o de agir no resgate da cultura africana, que foi marginalizada e colocada em um lugar de não serventia.

Com isso, a arte e a promoção da cultura, promoveu o desenvolvimento da identidade negra. A atuação agia na denúncia do racismo, resistência às opressões oferecidas pela branquitude e oferecia mecanismos de apoio psicológico, para que pessoas negras conseguissem abandonar a constituição de si mesmas como inferiores. O teatro impactou não somente na época em que foi criado, causou impactos positivos nas gerações futuras, nas quais jovens afrodescendentes, que o autor chamou de espíritos rebeldes, passaram a se expressar por meio da música, dança e na forma de se vestir. Era uma forma de demonstrar inquietude, resistência e confronto (Nascimento, 2016).

Dessa forma, se torna possível analisar de acordo com os expostos de Nascimento (2016), que a arte age enquanto construtora de subjetividade e identidade, tornando possível a construção de uma identidade diferente da que lhe é destinado pelo racismo, possibilita

abandonar a construção de identidade negra pautada sobre a inferioridade e a branquitude enquanto superior. Possibilita a construção de força de enfrentamento, resistência.

1.1.3 Manifestações Artísticas como Instrumento de Resistência

De acordo com os expostos de Mbembe (2018), para pessoas negras, a sociedade se constrói, em muitos momentos, como um ambiente permeado por violações de direitos e negação da existência destes corpos. E apesar de movimentos sociais que visavam a construção de uma autodefinição do negro como belo, como foi o caso do movimento blackpower na década de 60, e da busca pelo acesso dos direitos civis, a socialização continuava a ser desenvolvida pela “[...] mídia de massa e sistemas educacionais não progressistas para internalizar pensamentos e valores da supremacia branca” (Hooks, 2019, p.51).

Hooks (2019) defende a necessidade de construir resistência por meio do que chamou de autodefinição, podendo analisar enquanto pessoas negras conseguirem se definir e construir uma identidade alinhada à celebração de quem são, isso liberta. Por este caminho, a descolonização é uma luta política, sendo uma procura por conseguir se definir enquanto indivíduo, “[...] e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro” (Hooks, 2019, p.32). O amor constroi formas de resistência, “[...] amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (Hooks, 2019, p.53).

Fazendo assim um desenho do que seria resistência, torna-se importante descrever formas que tornam possíveis resistir a essas violações de direitos e subjugamento da vida. A linguagem possui uma grande importância neste aspecto de construir forma de enfrentamento, no livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Fanon (2008), o autor coloca em discussão a sua importância, abordando que pela linguagem é possível “[...] fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 2008, p.33). O autor discute que pela linguagem falada o indivíduo sustenta sua cultura.

Pessoas colonizadas se sentem inferiores, isto é algo que a colonização construiu, pois passam a acreditar que sua cultura é menor que a cultura dos colonizadores, os valores

culturais aos quais pertencem são deixados de lado e assumem para si a cultura colonizadora e sua linguagem metropolitana (Fanon, 2008). Perante ao autor, a internalização de valores da cultura branca faz com que pessoas negras fujam e neguem a sua própria cultura, se embranquecem.

Dentro destes aspectos é possível abordar a arte como uma forma de comunicação e detentora de inúmeras linguagens que possibilitam a transmissão de informações, seja de forma verbal ou não verbal, o que torna possível ser uma transmissora de cultura.

Conceição Evaristo (2020) cunha o termo *escrevivência*, trazendo essa construção enquanto uma forma de expressão de mulheres negras, viver pela escrita, sendo a escrita uma forma de arte, este conceito se desenha sobre os aspectos de acabar com a imagem de uma mulher negra silenciada por seus malfeitores escravocratas, é uma forma de trazer pertencimento a expressão, tendo em vista que em tempos anteriores e não tão distantes, estas mulheres não possuíam acesso a própria voz, sendo assim, é uma forma de afirmar que a escrita, a palavra e a comunicação às pertence, sendo possível afirmar que o uso da escrita age como uma forma de construção de identidade emancipada da visão escravocrata da mulher negra (Evaristo, 2020).

Por este caminho, é possível citar Carolina Maria de Jesus, que é uma mulher negra que escreve sobre suas vivências enquanto moradora de favela, em seu livro “Quarto de Despejo” (1960) escancara as disparidades sociais vividas em seu cotidiano, por meio de sua arte, a escrita, cria uma narrativa de si mesma ao escrever sobre as suas mazelas cotidianas enquanto mãe solo, racismo e a fome. Carolina era catadora de reciclagem, era a forma que tinha para driblar a sua fome e a de seus filhos, mesmo diante do cansaço discute que pessoas pobres, não tinham direito de descanso, precisavam trabalhar (Jesus, 1960). Ao abordar aspectos de seus dias, como a fome e a necessidade de trabalhar para sobreviver, Carolina aplica o conceito cunhado mais adiante por Conceição Evaristo (2020), *escrevivência*. Carolina não é uma mulher silenciada, sua narrativa a pertence.

A arte age enquanto meio de comunicação e são diversas vertentes artísticas que possuem a potência de serem formas de expressão da população negra. Tendo diversas finalidades, possibilidades de transformação e formação de uma identidade negra. Outro exemplo seriam os slams, que geram discussões sobre temas pertinentes e de violências vividas, como questões raciais, se encontram como palco de expressão para a juventude racializada e habitantes das periferias (Pereira e Schucman, 2023). Sendo os slams o uso da

poética falada e expressões corporais para evocar os discursos que ferem durante as vivências cotidianas, o intuito é abalar o público, com questões que ferem essa parcela da população. Se coloca em discussão a negritude, por meio de vozes negras (Pereira; Schucman, 2023).

Seguindo com formas de expressão referente a cultura negra, Pereira e Schucman (2023) citam a construção cultural do hip hop composta pela expressão por meio da fala e da linguagem corporal, sendo construído como uma tríade formada pela “[...] música (rap), pintura (grafite) e dança (break). O rap, sigla derivada de rhythm and poetry (ritmo e poesia), é a música de referência e constitui o elemento de maior destaque” (Pereira; Schucman, 2023, p.10).

Sendo possível afirmar, de acordo com os autores, que estas manifestações culturais que tem a oralidade como centro, se desenvolvem como um aspecto que se relaciona com a construção histórica do povo negro, sendo extremamente importante na construção das singularidades dos indivíduos, ou seja, aspecto de constituição da identidade de pessoas africanas. Sendo assim, falar sobre si e os outros seria uma forma de manter a história (Pereira; Schucman, 2023).

Perante ideais dos autores, a expressão por meio de fatores artísticos culturais de uso grupal viabiliza;

[...] experienciar ser sujeito/a negro/a no mundo a partir de outro lugar, por meio do uso desalienante da linguagem que possibilita a criação de outras narrativas sobre si, seu corpo e sua ligação com a própria negritude e com o grupo negro, processo que também se dá através das afetações coletivas (Pereira; Schucman, 2023, p. 11).

Tendo em vista que a vida e a morte não se encontram enquanto fenômenos puramente naturais e que são fenômenos que podem ser geridos de acordo com o delineamento de raça, se coloca em palco a arte, em suas diversas formas, enquanto forma de resistência e entendimento das violências vividas. Nesse sentido, a arte age como forma de perpetuação de vida frente a perpetuação estatal de mortes.

A arte tem a potência de construir resistência, sendo uma forma de dar voz a minorias marginalizadas, o que é ilustrado pelo *rap* Favela Vive 5 (2023), logo no título sendo possível analisar que se delimita como uma afirmação de resistência diante de uma realidade abarrotada mortes e construída por desigualdades e violência policial, ilustrado pelo trecho versado por DK 47 “[...] o irmão Moïse⁴ espancado até a morte no quiosque, é o Estado

⁴ De acordo com Lima (2023), Moïse Kabagambe foi um congolês imigrante assassinado friamente no Rio de Janeiro no ano de 2022.

assassinando a juventude na favela [...]” (ADL *et al.*, 2023). Podendo analisar seguindo o conceito de necropolítica de Mbembe (2018), quem morreu foi alguém a quem a morte já era destinada, um corpo negro, e por isso foi um crime que não chocou a sociedade, apenas seguiu um roteiro de dessensibilização pré-estabelecido coletivamente.

O rapper Emicida (2019) entoou um grito de revolta e o condensou na construção de um álbum chamado de AmarElo, logo na primeira faixa chamada de “Principia”, aborda temas extremamente importantes, como a indignação contra o ódio perpetuado socialmente contra pessoas negras. Explora principalmente a necessidade de negros criarem laços de apoio, que é o que possibilitará a construção de forças em um mundo que os deixa exaustos em lutar contra uma visão da negritude enquanto figuras ruins e suspeitas, racismo, e a importância da saúde mental, “[...] tudo que nós tem é nós [...]” (Emicida, 2019).

Na última música do álbum, a revolta e a resistência deságuam nas vozes que constituem o som, intitulada de Ismália “[...] olhei no espelho, Ícaro me encarou. Cuidado, não voa tão perto do Sol. Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei. O abutre quer te ver de algema pra dizer: Ó, num falei?!” (Emicida, 2019). É possível analisar que Ismália traz a luz que o lugar do negro estabelecido socialmente é o de estar abaixo daqueles que tem poder e negros devem seguir o roteiro de estar em uma posição ruim, ao tentar desafiar este padrão estariam passíveis a serem mortos. Descreve ao longo do *rap* que negar a própria negritude com termos que trazem um certo nível de embranquecimento, seria uma forma de estar mais perto de se humanizar, “Ela quis ser chamada de morena. Que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena” (Emicida, 2019).

Nessa direção, o *graffiti* se encontra como uma forma de expressão, que é detentora de um grande poder de comunicação, mas é permeado por grandes estigmas sociais que o ligam a uma posição marginal, “[...] essa perspectiva, contudo, contribui para a perpetuação de discursos que segregam e marginalizam indivíduos com base em características como raça, gênero e classe social (Caminha, 2023, p. 02). Caminha (2023) discute que o *graffiti* faz parte do que chamou de disputa linguística nas paisagens urbanas, é comunicação social em sua essência, podendo ser descrito enquanto uma forma de escrita subjetiva de um grupo social, que busca a comunicação e resistência pela arte. O *graffiti* atua como uma forma de resistência contra a submissão daqueles que o expressam.

Outra forma de arte que possibilita a resistência negra, é o teatro. É possível afirmar que o Teatro Experimental do Negro surgiu tanto como propósito principal, a revolução. Os

atores convidados para participar eram pessoas de classes socioeconômicas baixas e discriminadas, como pessoas de favelas, empregadas domésticas, pessoas que iam a terreiros, ou seja, pessoas que eram excluídas socialmente e vistas como sem qualificação.

Utilizar a arte e a cultura como uma forma de ensinar pessoas brancas a saírem do lugar de se acharem superiores devido a sua classe étnica. Visavam acabar com a prática usada no contexto nacional, em que atores brancos atuarem personagens negros, apenas pintando sua pele com maquiagem preta para compor essa “fantasia”, bem como, acabar com a prática de deixar os atores negros desempenhar apenas papéis que frisavam estereótipos raciais, que relegavam ao negro somente lugares ruins (Nascimento, 2016).

As pessoas negras participantes foram ensinados a atuar e assim formaram os primeiros dramatas negros do Brasil, foram responsáveis por criações de grande impacto na literatura de drama nacional, que se utilizava das vivências afro-brasileiras, construindo personagens negros fora da normativa estereotipada, como heróis negros (Nascimento, 2016).

A arte é comunicação em sua essência. E por comunicar, possibilitou ao longo da história construir formas de enfrentamento contra padrões coloniais que perpetuavam uma visão do negro enquanto inferior à figura do branco, a arte possibilita construir narrativas de si mesmo, logo possibilita a libertação de padrões coloniais. Narrar a si mesmo pela arte é resistência.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo se encontra enquanto uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Rodrigues e Neubert (2023) seria uma pesquisa que se pauta sobre o uso de materiais que são frutos de uma pesquisa, que foram analisados e já estão publicados, sendo um método de pesquisa muito importante já que “[...] propicia a identificação dos documentos que deverão compor o referencial teórico do estudo – requisito de qualquer projeto e relatório de pesquisa científica” (Rodrigues; Neubert, 2023, p.62).

Os dados encontrados por meio da pesquisa bibliográfica foram analisados usando a pesquisa exploratória. Uma pesquisa exploratória possui como objetivo principal o de trazer “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” (Gil, 2002, p.41). Assim sendo, a presente pesquisa foi

realizada por uma pesquisa exploratória visando ter um maior entendimento do problema em estudo para construir caminhos, tendo em vista a literatura escassa sobre a presente questão analisada, arte como forma de resistência contra a necropolítica.

A presente pesquisa se desenha enquanto qualitativa, que de acordo com Guerra (2014) seria quando o pesquisador busca entender um fenômeno colocado em estudo, analisando modo de agir do indivíduo, em comunidade, em instituições, no ambiente ao qual faz parte ou dentro da sociedade em geral, “[...] interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito” (Guerra, 2014, p.11). Este tipo de pesquisa possui três elementos de fundamentação, o primeiro seria que o fenômeno estudado interage com o pesquisador, o segundo visa descrever as informações encontradas e o terceiro seria a análise do pesquisador deste fenômeno em estudo (Guerra, 2014)

Dessa forma, serão utilizados materiais escritos em português já existentes e disponíveis para consulta pública em bases de dados, as bases de dados utilizadas são a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scielo. A pesquisa foi realizada usando descritores para possibilitar a pesquisa nas bases de dados, os descritores utilizados foram, “necropolítica”, “biopoder”, “arte negra”, “identidade negra”, “colonialismo”, “racismo” e “resistência negra”. Para que fosse possível uma otimização da busca, foram utilizados operadores booleanos para delimitar os assuntos necessários como “AND”, “OR”, e “NOT”, foram usados em “necropolítica not biopoder”, “arte and identidade”, “racismo or necropolítica”, “arte and negritude” e também foi feito o uso das aspas como recurso de delimitação de busca.

O fichamento de citações e de ideias também se encontra como uma ferramenta de extrema importância para o andamento da presente pesquisa, sendo utilizado para a construção do referencial teórico, já que todos os materiais utilizados foram guardados e analisados neste fichamento. O que possibilitou o bom andamento, diminuição do tempo de escrita deste projeto de pesquisa e a construção da área destinada às referências do presente trabalho. Para a análise e coleta de dados pertinentes para este estudo, se visou o uso de artigos publicados nos últimos 10 anos. Em relação aos livros utilizados, não houve uma restrição de tempo, sendo buscado livros importantes que se relacionassem com o assunto trabalhado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação buscou abordar a arte enquanto forma de resistência negra à perpetuação de mortes cometidas pelo estado. Para que isso fosse possível foi realizada a busca bibliográfica, em que foram encontrados cerca de 58 materiais sobre o tema analisado, dos quais foram separados 6 artigos, além de 7 livros terem se somado à análise através da busca nos referenciais dos referidos artigos. Sendo filtrado artigos dentro dos 10 anos de publicação, já os livros, não houve a limitação do período de publicação. O principal critério de escolha dos materiais, foi a sua pertinência para o estudo.

No início do trabalho, a pesquisa se construiria somente sobre a arte agir enquanto forma de comunicação, ao possibilitar transmitir mensagens por meio de diversas linguagens artísticas. Porém, ao longo da construção inicial dos pontos que o artigo iria buscar analisar, aconteceu uma ampliação do tema, abrindo para a arte enquanto construtora de identidade negra, e assim, houve um mergulho na grandeza que a arte traz para o indivíduo, humanidade, não somente possibilitando a comunicação das mazelas vividas. Mas também possibilitando a constituição de quem se é, abrindo perspectivas para quem pode vir a ser. A arte abre caminhos.

Ao buscar materiais que abordam a construção de identidade negra, o principal ponto em todos os materiais encontrados era o racismo dentro da construção da identidade, o que é possível entender tendo em visto quase quatrocentos anos de escravidão em solo nacional e as suas ramificações coloniais na atualidade, racismo. Mas a negritude é vasta e ser negro é uma construção, se constitui no amor, no amor aos seus semelhantes e a si mesmo. É preciso trazer uma visão de que negros não são apenas a luta contra seus malfeitores e a força para resistir. Negros são potentes e criadores.

Por conseguinte, analisando a justificativa do trabalho, havia poucos materiais abordando a cultura do auto-ódio perpetuada na construção de identidade negra e como isso é uma forma de perpetuar a necropolítica. É possível analisar que a morte nem sempre é o falecimento do corpo de carne, a morte pode acontecer quando tudo que é escolhido para a própria vida, passa por uma visão da realidade embranquecida, ódio contra si mesmo pode matar a própria subjetividade e alavancar a supremacia branca, é uma forma de se enfraquecer e potencializar o ódio contra si mesmo e seus semelhantes. Valorizar a cultura negra é uma forma de se fortalecer e se torna necessário a construção de mais materiais sobre essa questão.

A pergunta que norteou o trabalho se descreve em “como a arte age enquanto uma forma de resistência da necropolítica?”, o que foi possível responder tendo em vista que a arte age enquanto transmissora da cultura das pessoas negras, possibilitando que contem suas histórias por meio de suas próprias vozes, possibilitando a construção de formas de enfrentamento contra a perpetuação de mortes estatal.

Com relação ao primeiro objetivo específico do trabalho de conceituar a necropolítica, tem-se que este é um conceito proposto por Mbembe (2018), que descreve a retirada da autonomia e da liberdade dos cidadãos, conceitos aos quais seriam pontos centrais dentro da política. Descobriu-se que a soberania, estado de exceção e a inimizade, são pontos centrais dentro da necropolítica, já que a soberania se descreve na construção de normas de agir gerais para indivíduos singularidades e na construção de inimigos para normalizar a perpetuação de mortes.

Foucault (2010) constrói suas ideias se pautando sobre um contexto eurocêntrico, construindo a visão de biopolítica, na qual soberanos possuem poder para deixar viver ou fazer morrer determinados corpos. Já Mbembe (2018) constrói sua análise de necropolítica sobre um contexto de colonização e os impactos desta construção na sociedade contemporânea, principalmente na perduração de mortes, seja por homicídio ou suicídio. Podendo assim, construir uma análise de que são teorias complementares, ao o estado permitir e proteger vidas brancas, mas ao cenário se voltar para pessoas negras, o que aconteceu é o estado matar ou aproximar da morte.

A respeito do segundo objetivo específico de entender como a arte funciona enquanto instrumento de construção de identidade negra, nota-se que a arte propicia a construção de identidade negras, adentramos primeiramente na dificuldade de construção destas identidades, o que foi uma herança de impacto social deixada pelas violências coloniais, já que o Brasil moderno foi construído por este período pautado sobre a escravização, que foi o que manteve a economia brasileira por quase quatrocentos anos. O embranquecimento da população foi um projeto de melhoramento da raça, mas o pardo não ganha a mesma visão de uma pessoa branca socialmente, é visto sobre os mesmos critérios racistas de exclusão que os negros de pele retinta.

Dessa forma, para construir uma identidade negra, é necessário se destituir dos padrões coloniais que possuem uma visão única do que é ser negro, a negritude é vasta e quando pessoas pardas se intitulam como pessoas negras acontece essa quebra de padrão

violentos que negam a construção de identidade destes indivíduos. Dessa forma, é possível analisar que se intitular enquanto negro, sem usar termos embranquecedores é uma forma de resistência, tomar posse de si.

Já quanto ao objetivo específico de identificar as formas de arte usadas como instrumento de resistência foi possível analisar que são utilizadas variadas formas. As manifestações artísticas utilizadas como forma de resistência se descrevem enquanto a escrita, os slams, a cultura do hip hop, que vai englobar, o *rap*, o *break* e o *graffiti*, e o teatro. A escrevivência traz a possibilidade de tomar posse de si mesmo e de sua própria história, contar a si mesmo pela escrita, uma potente forma de resistência contra o silenciamento de mulheres negras imposto pela colonialidade, encontrando Carolina Maria de Jesus como um grande exemplo de mulher que tomou posse de si mesma e de sua narrativa, Carolina é sinônimo de potência.

O *slam* possibilita que a juventude negra e pessoas que moram nas periferias tomem posse de seus discursos, se descrevem pela palavra falada, poética, expor temas que os ferem e marginalizam, é uma forma de entoar resistência pelo discurso. Constroi resistência negra ao ser uma forma de pessoas negras se auto-narrarem, nos slam não há silenciamento destas vozes, até mesmo o corpo fala. Já o *hip hop* é uma construção vasta, possibilita a expressão por meio da musicalidade, da pintura e da linguagem corporal, essa tríade possui uma enorme potência e tem a oralidade como o centro de sua construção, essas linguagens possibilitam a construção da identidade de pessoas negras, uma identidade distante da lógica violenta que persegue este povo, a arte permite que a narrativa retorne aos donos, que contêm as próprias histórias.

Contar essas histórias permite que a existência persista além da vida, que se mantenha mesmo quando estes contadores de histórias morrem, o que é muito importante, já que essa vitória contra a colonialidade é uma vitória ancestral, tendo em vista que se narrar vai contra os padrões coloniais. A vitória aqui se descreve enquanto ancestral, pois o ponto central é honrar todos os corpos que foram desumanizados em um passado não tão distante, aqueles que vivem no presente podem fazer o resgate dessa humanidade perdida, a forma de fazer isso, é aprendendo a narrar a si mesmos, construindo resistência no próprio discurso. Não deixar que sejam apagados.

O *graffiti* é a linguagem expressa pelos muros da cidade, permite a construção de resistência pela arte pintada, se encontra enquanto uma linguagem que é muito marginalizada

por ser expressão de grupos que são marginalizados, pessoas negras e de classes sociais mais baixas. Constroi resistência ao promover a luta social de forma não verbal.

O teatro Experimental do Negro foi um movimento revolucionário ao utilizar pessoas negras marginalizadas para ocupar locais de destaque, aos quais eram tiradas do apagamento social e trazidas a luz para produzir arte, arte preta, aim totalmente contra a indústria teatral da época, que era totalmente embranquecida, tanto que quando precisavam de um papel negro, brancos se pintavam de preto para atuar. Dessa forma, o Teatro Experimental do Negro propiciou enegrecimento para a cena teatrou, que era muito branca. Este teatro desafiou estereótipos raciais, construindo papéis onde negros se desenvolviam enquanto potência, visava ser um resgate do povo negro, possibilitar o desenvolvimento de possibilidades alinhadas a uma vida boa. Possibilitou não somente o desenvolvimento de identidades, mas também trazia apoio psicológico quando os indivíduos estavam adoecidos mentalmente, resgate.

Se torna possível afirmar que a hipótese da pesquisa se comprova. Já que a arte age enquanto forma de comunicação, torna possível resistir a necropolítica e denunciar as violências vividas, possibilitando a construção de identidades negras fortes e trazendo transformações para a realidade social.

Por esta via, resistência aqui se conceitua em ir contra está lógica que oprime, exclui e adocece está parcela da população, negros. Resistência seria buscar entrar em contato com quem se é, para ser possível construir uma narrativa da própria história e ter uma vida digna de ser vivida. Existir com dignidade é reexistir. Re-existir se descreve como existir novamente, duas vezes, já que dentro desta lógica violenta, que destina negros para a morte e constrói no ideal de pessoas racializadas uma visão de normalização das violências que os são impostos. Ao construir uma narrativa alinhada com a promoção de vida, principalmente uma vida de qualidade, cria-se neste mesmo corpo uma segunda vida, ou seja, abandona-se o paradigma estabelecido de morte, construindo uma nova realidade de existência.

Assim sendo, para esta pesquisa houve a busca de analisar como a expressão artística se torna capaz de agir como uma forma de resistência e denúncia contra a violência perpetuada pela soberania, sendo aqui o estado, que possui o poder de delimitar existências, perpetuar mortes e acolher certos tipos de vidas. Buscou-se construir contribuições em relação à arte existir como forma de resistência e sua importância para a área da psicologia, visando

principalmente, delimitar a arte como forma de existência, frente a um estado que subjuga e mata pessoas.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou entender como a arte age como uma forma de resistência contra a necropolítica, para analisar como um estado pautado sobre a soberania branca e que conserva padrões coloniais, fere, mata ou aproxima da morte corpos que são racializados, enquanto protege vidas brancas, a partir da pesquisa bibliográfica, utilizando a análise qualitativa dos dados encontrados.

Para se atingir uma compreensão de como a arte age enquanto uma forma de resistência frente à soberania estatal, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro se voltou para conceituar o que é a Necropolítica. Verificou-se que a Necropolítica é a consolidação de mortes causadas por um estado soberano, principalmente mortes e pessoas negras, e na manutenção de resquícios coloniais em um mundo moderno, para este conceito é muito importante o estado de exceção e o desenvolvimento de inimigos, a interação destas ideias é o que permite as mortes.

Depois, buscou-se identificar como a arte funciona como instrumento de construção de identidade negra. A análise permitiu concluir que para ser possível construir uma identidade negra, seria necessário ir contra os padrões coloniais estabelecidos socialmente, se denominar enquanto negro é uma forma de quebrar estes padrões coloniais, sendo necessário ir contra o uso de termos enbranquecedores, como o uso do termo pardo. A arte dentro desse aspecto agiria na construção de cultura e promotora da construção de identidades, ao destruir a visão de que pessoas negras são destinadas a estarem abaixo de pessoas brancas, a identidade é construída indo contra uma identidade colonial.

Por conseguinte, visou-se identificar quais as formas de arte são usadas como instrumento de resistência, a investigação trouxe que diversas formas de arte possibilitaram a construção desta resistência contra a necropolítica. Podendo citar, a escrita, a cultura do hip hop, que é construída por três elementos, sendo o *rap*, o *graffiti* e o *break*, os slams e o teatro. A resistência se constroi por serem linguagens que permitem dar voz a minorias marginalizadas e trazer enriquecimento para a construção de identidades, o que vai contra a colonialidade.

Com isso, a hipótese do trabalho de que a arte existe enquanto forma transmissão de comunicação, possibilitando denúncias e construir resistência contra a necropolítica, por meio de várias linguagens artísticas e auxilia na construção de identidade pela expressão da cultura, possibilitando a própria construção racial. Se confirmou, devido a arte agir no resgate da identidade fragmentada pelo racismo, ao possibilitar a retomada da cultura negra e resistência contra a perpetuação de negros almejarem alcançar o próprio branqueamento.

Sendo assim, a arte age na construção de identidades negras fortes e distantes do próprio embranquecimento. Possibilitando um resgate da cultura negra, como forma de fortalecimento deste povo. Constroi resistência contra os padrões coloniais, que visam a divisão dos negros e a retirada da construção da própria história e trás a potencialidade de construir e reconstruir as próprias narrativas. Narrar a si mesmo é resistência.

Em pesquisas futuras, pode-se construir análises sobre como a construção do auto-ódio negro, advém da ideia de que é necessário alcançar a branquitude, o que é construído pela perpetuação da herança colonial de que a branquitude é superior aos negros. Também torna-se necessário a construção de estudos que visem que o amor a si mesmo, aos seus semelhantes e a própria cultura, se encontra enquanto uma potente forma de construir resistência contra os padrões coloniais, necropolítica.

REFERÊNCIAS

- ADL; MAJOR RD; MC HARIEL; MC MARECHAL; LECI BRANDÃO. **Favela Vive 5**. Produção musical de Índio. 2023. 1 vídeo (9min32s). Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em: 16 ago. 2025.
- CABRAL, M. P. G., LIMA, F. A. C. DE ., LIMA, R. C. DE ., & BOSI, M. L. M.. (2024). A cor da morte na pandemia de Covid-19: epidemiologia social crítica, interseccionalidade e necropolítica. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, 34, e34053. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434053pt>. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1569396>> Acessado em: 19 de ago. de 2025.
- CAMINHA, G. S.. Graffiti na cultura hip-hop: relações entre linguagem, identidade e espaço urbano na perspectiva transperiférica e indisciplinar da Linguística Aplicada. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 23, n. 3, p. e36947, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/n898hVs7HqhwFH9HtVVNfNK/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 30 de set. de 2025.
- CERRUTI, M. Q. Sobrevivendo no inferno: narrar a vida para fazer algo. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 25, n. 1, p. 35-47, abr. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 26 ago. 2025. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i1p35-47>.
- EVARISTO, C. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado; ilustrações Goya Lopes (Org.). **Escrivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.
- EMICIDA. **Ismália**, participação de Larissa Luz & Fernanda Montenegro. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynI>> Acesso em: 22 out. 2025.
- EMICIDA. **Principia**, participação de Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza e Pastoras do Rosário. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q>> Acesso em: 22 out. 2025.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194.
- FISCHER, B.. Favelas e as pós-vidas da cidade escrava. **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 25, p. e20240039, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/VvjHTHfkt8dCCYC9bc4DfD/?lang=pt>> Acessado em: 31 de ago. de 2025. Acessado em 26 ago. 2025.
- Foucault M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976) São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- Gil, A. C., 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, E. L. D. A. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, p. 48, 2014.

HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LIMA, R. L. D. A. Moïse Kabagambe:: Os Quinze Minutos Que Ainda Não Terminaram. **Revista Estudos Libertários (UFRJ)**, Rio de Janeiro, ano 2023, v. 5, n. 13, p. 157 - 184, 13 jun. 2023. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/download/59480/32178>> Acesso em: 16 nov. 2024.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014. ISBN 978-972-608-254-5.

NASCIMENTO, A. D. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: PERSPECTIVAS, 2016.

Pereira, C. Da S.; Schucman, L. V. O Lugar Das Práticas Artístico-Culturais Na Constituição Da Negritude Para Negros/As De Pele Clara. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, p. e277138, 2023. Disponível em <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1521404>> Acessado em: 31 de ago. de 2025.

Rodrigues, R. S.; Neubert, P. D. S. **Introdução à pesquisa bibliográfica** [recurso eletrônico]. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2023.

ZAMARIAM, J.; LEOCÁDIO, L. C.; PEREIRA, D. M. D. S. **História do Brasil Colonial**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018. 248 p. ISBN 978-85-522-0758-0